

A FLUTUAÇÃO DE FONEMAS EM PORTUGUÊS

UMA QUESTÃO DE MORFOLOGIA ?¹

Maria João MARÇALO

1. A flutuação de fonemas - definição

A expressão "flutuação de fonemas" será aqui utilizada com o sentido que lhe é dado por Christos CLAIRIS. Este autor define a flutuação de fonemas como "la possibilité pour le même locuteur, dans les mêmes circonstances, de faire alterner librement deux ou plus de deux phonèmes dans la même unité significative, et cela seulement pour certaines unités du lexique"².

O fenómeno da flutuação de fonemas, assim baptizado em 1947 por Kenneth PIKE, na obra *Phonemics : a Technique for Reducing Languages to Writing*, é assinalado

¹ Este texto retoma parcialmente a matéria de uma conferência apresentada no seminário de linguística funcional dirigido pelo Professor Doutor Christos Clairis, na Université René Descartes - Paris V. A referida visita de ensino à Sorbonne, realizada em Fevereiro de 1994, seguiu-se ao convite formulado pelo Director do Laboratoire de théorie et description linguistiques, Professor Doutor Fernand Bentoilila, e teve o apoio da Comissão das Comunidades Europeias no âmbito do Programa LINGUA.

O texto original "Les fluctuations de phonèmes en portugais", será publicado em *Travaux du SELF III 1993-1994*, THEDEL, Sorbonne, Université René Descartes Paris V, UFR de linguistique générale et appliquée

² Christos CLAIRIS, "Identification et typologie des fluctuations", *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, LXXXVI, 1, 1991, p. 21

na descrição de várias línguas feita por linguistas como Furne RICHI ou Mary Ritchie KEY, que trabalham na mesma linha de PIKE³.

No quadro da teoria funcional, Martinet apresenta vários exemplos que poderemos considerar flutuações de fonemas, ao descrever em 1939 o falar franco-provençal de Hauteville⁴, mas a primeira utilização do termo "flutuação" por um funcionalista deve-se a C. CLAIRIS, na sua descrição do qawasqar⁵. Importa ainda mencionar os nomes de outros funcionalistas que têm vindo a produzir trabalhos sobre a flutuação de fonemas, usando quer esta mesma designação ou designações diferentes. Salientamos Jacques ALLIÈRES, Jean Michel BUILLES, Conrad BUREAU, Denise FRANÇOIS, Anne LEFEBVRE, Anne-Marie HOUDEBINE, Pierre MARTIN e Henriette WALTER.

2. Variantes livres, neutralização et flutuações

Quando em 1939 se publica a obra *Grundzüge der Phonologie*⁶, pedra angular da teoria fonológica, Trubetzkoy propõe quatro regras para a distinção de fonemas, variantes fonéticas e grupos de fonemas. A primeira das regras postula: "Si deux sons de la même langue apparaissent exactement dans le même entourage phonique, et s'ils peuvent être substitués l'un à l'autre sans qu'il se produise par là une différence dans la signification intellectuelle du mot, alors ces deux sons ne sont que des variantes facultatives d'un phonème unique"⁷.

³ Para uma descrição mais pormenorizada dos antecedentes da reflexão sobre a noção de flutuação, ver o artigo de C. CLAIRIS referido na nota anterior, em especial p.19 a 23

⁴ "Description phonologique avec application au parler franco-provençal d'Hauteville (Savoie), *Revue de linguistique romane*, 15, 1939 (parue, en fait, en 1945), reproduit dans *La description phonologique, avec application au parler franco-provençal d'Hauteville (Savoie)*, Droz et Minard, Genève et Paris, 1956, 108 p.

⁵ C. CLAIRIS, "Première approche du qawasqar. Identification et phonologie", *La linguistique*, 13, 1, PUF, Paris, 1977, p.145-152

⁶ Utilizaremos aqui a tradução para francês de Jean CANTINEAU: Nicolas S. TRUBETZKOY, *Principes de phonologie*, Editions Klincksieck, Paris, 1976 (1ère ed. 1939), 396 p.

⁷ *Ibidem*, p. 17

Nada nesta regra parece ir contra o afirmado na nossa supra citada definição de flutuações. Trubetzkoy distingue dentro das variantes facultativas as que têm um carácter geral e as que têm um carácter individual, havendo entre ambas gradações sucessivas. Uma outra subdivisão é ainda apresentada, a que concerne às suas funções. Faz-se a distinção entre variantes facultativas "pertinentes pour le style" ("variantes stylistiques") e "variantes non pertinentes pour le style". As flutuações parecem então poder inscrever-se entre as variantes facultativas individuais não pertinentes para o estilo.

Como tem sido sublinhado e repetido por diversos autores⁸, só poderemos estudar as flutuações de fonemas depois de termos executado uma cuidada análise fonológica, onde se inventariem os fonemas, as suas variantes contextuais e livres, os seus campos de dispersão e os casos de neutralização. Se assim não se proceder corre-se o risco de confundir neutralizações de oposições entre fonemas e flutuações de fonemas. Corre-se o risco de confundir flutuações de variantes de fonemas com a flutuação dos próprios fonemas.

Sabemos que a neutralização de oposições de fonemas numa língua é ditada pelo contexto fónico e é geral, ou seja, afecta todas as unidades que apresentem as condições de neutralização. Em português, a neutralização⁹ da oposição entre as vibrantes comumente designadas simples e múltipla¹⁰, respectivamente /r/ e /r̃/ verifica-se em todos os contextos, excepto em posição intervocálica. Nos casos em que a oposição

⁸ Ver nomeadamente Christos CLAIRIS, "Identifications des fluctuations", *Actes du 8e Colloque de Linguistique Fonctionnelle, Toulouse 6-11 juillet 1981*, Service de Publications de l'Université de Toulouse-Le Mirail, 1982, p. 111-113 e Henriette WALTER, "Entre la phonologie et la morphologie - Variantes libres et fluctuations", *Folia Linguistica - Acta Societatis Linguisticae Europaeae*, XVIII, 1-2, Mouton, The Hague, p. 65-72.

⁹ Abordamos já esta matéria em Maria João MARÇALLO, *Introdução à Linguística Funcional*, KALP, Lisboa, 1992, em especial p.67.

¹⁰ Para uma recente e muito interessante nova perspectiva sobre as vibrantes do português, consultar Jorge MORAIS BARBOSA, "Les "vibrantes" portugaises et la dynamique linguistique", *La linguistique*, PUF, Paris, 30, 1, 1994, p. 37-43.

funcional entre os dois fonemas deixa de existir, falamos do arquifonema /R/. Foneticamente este realiza-se como vibrante simples depois de consoante homossilábica, em fim de sílaba, como acontece em *forca, Marte, amor, bar, traço, cravo*, etc. Realiza-se quer como vibrante apical múltipla [r̃], quer como vibrante uvular [ʀ], quer ainda como uma articulação constritiva dorsovelar [x] nas outras posições, como em *roca, rato, guelra, bilro, Israel*. Neste último caso, estamos perante variantes livres ou facultativas do fonema /r̃/ e não perante diferentes fonemas. Assim, um mesmo locutor pode optar livremente, ou realizar inconscientemente qualquer uma das três realizações ou ainda alterná-las. Tratar-se-á neste último caso de flutuações de variantes de um mesmo fonema e não de flutuações de fonemas propriamente ditas.

Daqui se depreende que as flutuações são casos distintos quer das variantes de fonemas quer das neutralizações. A designação de variantes livres restringir-se-á às realizações de um mesmo fonema, cujo aparecimento não pode ser explicado nem pelo contexto fónico nem pela situação. Só são variantes do mesmo fonema as oposições que jamais se observam no *corpus*. Em relação às neutralizações, as flutuações distinguem-se por não afectarem nunca todas as ocorrências dos fonemas em causa.

3. Flutuações de fonemas : fonologia ou morfologia ?

Ao fazermos análise fonológica de línguas muito diversas¹¹, encontramos amiúde unidades de primeira articulação cuja realização apresenta sempre os mesmos fonemas e outras unidades cuja forma fónica oscila, não só de locutor para locutor mas no mesmo locutor, oscilação essa que não é explicável pelo contexto e que só se verifica em algumas unidades significativas. Estamos neste caso perante o que consideramos

¹¹ Foram já atestadas flutuações de fonemas em línguas tão dispares como o malgache, por BULLES, o mbum por Claude HAGÈGE, o chama e o mapuche por M. R. KEY, o árabe por Samia SANBAR e David COHEN, o qawasqur por C. CLAIRIS, o francês por H. WALTER, entre outros, etc.

serem as verdadeiras flutuações de fonemas. Estas limitam-se a afectar apenas uma determinada parte do léxico.

Sendo a morfologia, para nós, o estudo das variantes dos significantes¹², é lícito afirmar que a flutuação de fonemas é mais um problema de morfologia que de fonologia¹³.

No terreno da morfologia há que distinguir as flutuações das alternâncias. Em português a alternância de /q/ e /ç/, por exemplo, verificada em *ovo - ovos, novo - novos, povo - povos, porco - porcos, sogro - sogros*, afecta uma série de monemas e sintemas. Na origem das diferenças constatadas nos significantes estão geralmente condicionamentos fónicos em acção em época anterior, mas que na sincronia actual não existem. Algumas escolas linguísticas consideram tais problemas no campo da morfonologia¹⁴. Numa perspectiva funcional e tendo em conta a actual sincronia, a alternância é de natureza exclusivamente morfológica e não fonológica¹⁵.

¹² Consideramos justa e seguimos a definição de A. MARTINET, que reserva o uso do termo "morfologia" para "designer uniquement la présentation des variantes des significantes, quelle que soit la forme qu'on adopte pour arriver à ces fins". *Syntaxe générale*. Armand Colin, Paris, 1985, p. 96. Ou veja-se o artigo publicado anteriormente "Qu'est-ce que la morphologie", *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 26, 1969, p. 85-90, reproduzido em *Studies in Functional Syntax*, Wilhelm Fink, München, 1975, p. 145-150.

Os ensinamentos de Andre MARTINET neste domínio têm deparado com alguma resistência a que não é alheio o peso da tradição gramatical orientada essencialmente para o estudo das línguas flexionais e da sua grafia. Veja-se a propósito C. CLAIRIS, "De la morphologie", *La linguistique*, PUF, Paris, 21, 1985, p. 177-183.

¹³ Esta é a concepção de Andre MARTINET, de Jean Michel BUILLES, de Christos CLAIRIS e de Henriette WALTER, entre outros.

¹⁴ O funcionalismo não vê qualquer fundamento para que se postule a existência desta disciplina. Cf. A. MARTINET, "De la morphonologie", *La linguistique*, PUF, Paris, 1, 1, 1965, p. 15-30 e ainda M. J. MARÇALO, "La morphophonologie: naissance et mort d'un concept", *Actes du XVIIIe colloque international de Linguistique Fonctionnelle, Prague, Tchécoslovaquie, 12-17 juillet 1991*, Prague, 1992, p. 57-60.

¹⁵ Cf. J. MORAIS BARBOSA, *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Almedina, Coimbra, 1994, p. 212-213.

Sendo as alternâncias e as flutuações ambas do domínio da morfologia, o que as distingue parece ser essencialmente o facto de as primeiras serem variantes morfológicas fossilizadas ditadas pela norma, ao passo que as segundas são alcatórias e individuais¹⁶.

Com base no facto de o fenómeno ser individual (intra-individual) ou inter-individual, Pierre MARTIN propõe a distinção entre "fluctuations" e "flottements"¹⁷. Define "fluctuation comme une utilisation, par un même individu, d'unités distinctives différentes pour un même monème" e "flottement" como "une pareille alternance mais chez des individus différents connaissant les mêmes oppositions, sans qu'il puisse s'agir de fluctuations ni chez l'un, ni chez l'autre"¹⁸.

Os trabalhos de Jacques ALLIÈRES sobre o gascão oferecem-nos também interessantes reflexões sobre o que este autor denomina, seguindo Jean SEGUY, **polimorfismo** e que corresponde grosso modo às nossas flutuações¹⁹. Trata-se de usos concorrenciais de formas diferentes da mesma unidade significativa, coexistentes no falar do mesmo sujeito, formas essas que não obedecem a qualquer condicionalismo articulatorio ou estilístico.

¹⁶ Ver Henriette WALTER, "Entre la phonologie et la morphologie", *Folia Linguistica*, XVIII, 1-2, Mouton, The Hague, 1984, p.68.

¹⁷ Cf Pierre MARTIN, "Fluctuations et flottements vocaliques en franco-canadien", *Actes du XI^e Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Elseneur - Danemark, 29 juin-4 juillet 1987*, Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain, Louvain-la-Neuve, 1988, p. 223-228.

¹⁸ *Ibidem*, p. 223-224. P. MARTIN distingue ainda um caso particular de "flottement" que designa "oscillation" e se reporta a casos em que se observa "pour un même monème, dans une même position de la chaîne, chez des individus différents, une alternance entre ce qui constitue des unités distinctives différents chez l'un et des variantes d'une même unité chez l'autre".

¹⁹ Em artigo de 1954, J. ALLIÈRES define o fenómeno do seguinte modo: "Nous appelons **polymorphisme** la coexistence, dans le langage d'un sujet parlant de deux ou plusieurs variantes phonétiques ou morphologiques d'un même mot, utilisées concurremment pour exprimer le même concept, le choix de l'un ou de l'autre apparaissant comme indépendant du conditionnement articulatoire (tempo, etc) ou d'une recherche quelconque d'expressivité", *apud*, J. ALLIÈRES, "Polymorphisme en Gascon", *Actes du 5^e Colloque de Linguistique Fonctionnelle, Toulouse, 6-11 juillet, 1981*, Service de Publications de l'Université de Toulouse-Le Mirail, 1982, p.123-125.

Uma vez definido o quadro teórico em que nos movimentamos, passamos a considerar alguns casos de flutuações em português.

4. Flutuações vocálicas e consonânticas em português europeu

Como sublinhámos anteriormente, o estudo da flutuação de fonemas só pode ser feito depois de estabelecido o inventário fonológico de uma língua. Utilizaremos como referência para o português as obras de Jorge MORAIS BARBOSA, *Études de phonologie portugaise* e "Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos"²⁰.

Começaremos por referir algumas flutuações vocálicas em sílaba acentuada. Em português encontram-se oito fonemas em sílaba acentuada, a saber / i e e a a o o u /. O seu estatuto fonológico é-lhes conferido pela função distintiva e opositiva que revelam ao compararmos unidades significativas onde ocorrem. A existência de pares mínimos, é como se sabe, o testemunho ideal sobre o estatuto fonológico de certa entidade, e a eles recorreremos sempre que possível.

Os fonemas /e/ e /e/ revelam a sua individualidade fonológica nos seguintes confrontos : *sê - sé ; sede - sede ; podemos - podemos ; dêz - dez ; cesta - sesta ; seu - céu* ²¹. Registam-se alguns monemas em que certos locutores hesitam entre realizar um desses dois fonemas, como por exemplo em *flagelo, farelo, interesse, felpa*, e nas respectivas formas de plural. Os timbres [e], realização de /e/ e [e], realização de /e/ apresentam-se como concorrentes. Como refere MORAIS BARBOSA, "alguns locutores usam o primeiro nas formas de singular e o segundo nas de plural, outros sempre um ou

20 J. MORAIS BARBOSA, *Études de phonologie portugaise*, Universidade de Évora, Évora, 2ª edição, 1983 (1ère édition Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisbonne, 1965) (citado, daqui em diante, abreviadamente como *Études*, segundo a 2ª edição) e "Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos", *Biblos*, Coimbra, LXIV, 1988 (parue, en fait, en 1991), p. 329-382 (daqui em diante, abreviadamente citado como *Notas*.)

21 Cf. MORAIS BARBOSA, *Études*, p. 54

outro, outros ainda ora um ora outro quer no singular quer no plural"²². Tal oscilação não afecta as formas verbais correspondentes, onde se impõe de forma regular o uso de [ɛ], realização de [ç], como em *flagelo, flagelas, interesse, interessas, interessa, interesse-se*. Mas afecta outras formas verbais como *aqueço, aqueças, aqueça, esqueço, esqueça, esqueças, arrefeço, arrefeça, arrefeças*. MORAIS BARBOSA diz ser possível afirmar, ainda que com uma certa reserva, que nestes casos o fonema [ç] revela maior frequência em falantes mais idosos, e o fonema [ɛ] é mais frequente em falantes jovens. Dado que estamos perante dois fonemas distintos, cujo aparecimento oscila apenas em certas unidades do léxico, verificando-se tal hesitação no falar de um mesmo locutor, cremos não errar ao considerar os casos antes descritos como flutuações de fonemas.

Um outro caso de flutuação de fonemas parece-nos ser o que ocorre entre /ɔ/ e /o/. Estes dois fonemas permitem opor pares como *avó - avô, molho - molho, pode - pôde, de cor - de cor, forma - forma*²³. Se é verdade que existe um número considerável de monemas e sintemas que apresentam /ɔ/ na sílaba acentuada quando determinados pelo monema de plural e /o/ quando não determinados, como *carroço, choro, corpo, corvo, esforço, fogo, jogo, olho, ovo, poço*²⁴, e estes deverão ser considerados casos de alternância, como referido anteriormente, outros casos há, que sendo aparentemente idênticos, testemunham flutuações de fonemas. É o que acontece quando alguns locutores hesitam entre /ɔ/ e /o/ em *acordos, bolsos, dono, estoros, tolho, pescocoços, miolos, molhos, soros*, por exemplo²⁵. Nenhum condicionalismo fónico

²² Idem, *Notas*, p. 342.

²³ Idem, *Etudes*, p. 60-73.

²⁴ Para um maior número de exemplos, consultar J. MORAIS BARBOSA, *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Almedina, Coimbra, 1994, p. 212.

²⁵ Morfológicamente seria interessante fazer um estudo diacrónico da flutuação de /o/ e /ɔ/, partindo dos dados que nos fornece Antão dos Reis GONÇALVES VIANA em "Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne", *Romania* 12 (1883) reproduzido em A. R. GONÇALVES VIANA, *Estudos de Fonetica Portuguesa*, prefácio de Luis Lindley CINTRA, introdução de José Peres RIBEIRO, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1973, p. 83-152. Um estudo de maior envergadura, alargando-se o período cronológico, seria também eventualmente possível se considerarmos os testemunhos de Duarte Nunes de Leão (1576), João Franco BARRETO (1671), João MADUREIRA FEIJÓ (1734), Fr. Luis do Monte Carmelo (1676), João Pinheiro Freire da

impõe a presença de /o/ nas formas de plural ou /ɔ/ nas de singular. A flutuação só afecta alguns monemas e sintemas e não a generalidade do léxico, e só alguns locutores hesitam entre [ɔ] ou [o].

Em alguns idiolectos lisboetas, em formas de verbos como *vender* e *sentir*, a par das realizações [ɛ̃ õ], mais frequentes, verificam-se as variantes inovadoras [ẽ õ̃], utilizadas de forma sistemática e em condições bem definidas²⁶. Estamos perante neutralizações respectivamente da oposição /ɛ/ - /e/ e /ɔ/ - /o/ antes de /N/, portanto perante os arquifonemas /E O/ que apresentam hoje a par da realização [ẽ õ̃], as variantes [ẽ̃ õ̃]. Não se trata aqui de flutuações de fonemas.

A flutuação entre os fonemas /a/ e /ɛ/ e /e/ seguidos de consoante palatal, assume também alguma notoriedade na boca de certos locutores. Em *grelha*, *velho*, *prenhe*, *desejo*, *seja*, *vermelho*, *igreja*, *coelho*, o fonema /a/, generalizado em Lisboa, concorre com /ɛ/ e /e/ cuja oposição se neutralizou antes de consoante palatal²⁷. Para MORAIS BARBOSA esta flutuação e tendência generalizada em Lisboa indicia que está em curso também a neutralização da oposição /a/ - /e/ antes de consoante palatal²⁸.

Será que existe uma relação estreita entre as flutuações de fonemas e a perda de oposições? Se na flutuação /a/ - /e/ MORAIS BARBOSA avança com essa hipótese, toma posição inversa no que respeita às flutuações entre /ɛ/ - /e/ e /ɔ/ - /o/, ao afirmar: "A propósito das oposições /ɛ/ - /e/ e /ɔ/ - /o/, convirá registar aqui algumas pronúncias contemporâneas que, embora as não ponham em causa, merecem atenção"²⁹. Diremos

CUNHA (1788) que se referem aos usos variados de [o] e [ɔ], segundo J. MORAIS BARBOSA, *Notas*, p. 342, nota 43

²⁶ MORAIS BARBOSA, *ibidem*, p. 343

²⁷ "Ao escrever que, sobretudo em Lisboa, e fechado acentuado se pronunciava [a] antes daquelas consoantes [palatais] e que e aberto nas mesmas condições, não mudava, revelou Gonçalves Viana que a oposição /e/ - /ɛ/ já não funcionava, naquelas posições, há um século.", *ibidem*, p. 344

²⁸ *Ibidem*, p. 345

²⁹ *Ibidem*, p. 344

que existe certamente uma relação, mas que não é de causa-efeito. Henriette WALTER ao abordar esta problemática conclui : " On a vu comment les fluctuations qui touchent la répartition des phonèmes dans les signifiants des monèmes et qui, à l'origine, ne sont pas des phénomènes phonologiques, peuvent avoir à la longue des conséquences sur le maintien ou plutôt sur l'élimination d'une opposition. Mais il ne faudrait pas croire que les fluctuations entraînent obligatoirement la perte d'une opposition."³⁰

Vejamos agora o que acontece com os fonemas vocálicos do português em sílaba inacentuada. Em sílaba átona, o vocalismo português apresenta-se bastante complexo. MORAIS BARBOSA distingue vocalismo pós-acentuado de pré-acentuado, estabelecendo seguidamente várias subdistinções em cada um deles.

Consideremos alguns casos de flutuação de fonemas no que respeita às vogais pré-acentuadas. Em posição inicial de palavra, atestam-se os seguintes fonemas / i e ɨ a o u /³¹. O fonema /o/ realiza-se geralmente como [o̞], mas pode também apresentar a variante [o]. Verifica-se que tanto [o̞] como [o] aparecem em sílaba fechada por /R/, /S/ ou /ʃ/, como em *ortopedia, ordinário, ortografia, orvalho, hospital, hospedar, hostil, olvidar*. Poderíamos pensar que esta oscilação entre [o̞] e [o] testemunhava um caso de flutuação de fonemas, porém somos levados a concluir que os dois timbres representam variantes individuais ou livres de um mesmo fonema, dado que nunca se estabelece uma oposição distintiva com base na oposição dos timbres considerados.

Quanto aos fonemas /o/ e /u/, que justificam o seu estatuto fonológico através de oposições como *ousar - usar, usado - usado*, verificam-se casos de flutuação em palavras como *obedecer, operário, hospedagem, olheiras, obtopografia, ombleto*. Casos evidentes de flutuação de fonemas são ainda os que se verificam em *olmeiro - ulmeiro*.

³⁰ H. WALTER, "Les fluctuations mettent-elles en danger une opposition phonologique?", *La linguistique*, PUF, Paris, 28-1, 1992, p. 59-68.

³¹ Ver MORAIS BARBOSA, *Estudos*, p. 135-142.

ombreira - umbreira, ondular - undular, em que a própria grafia regista os dois significantes possíveis.

Verifica-se a flutuação dos fonemas /e/ e /i/ em palavras como *entrar, então, erguer, Hercúlo, ervanário, elegante, elefante*. Seguidos de /N/ ou de /R/, /e/ e /i/ flutuam em certos idiolectos, embora noutros se mantenha sempre a distinção³². A presença do fonema /e/ antes de /N/ tem provavelmente influência de origem ortográfica e diacronicamente será um fenómeno recente, dado que, como assinala MORAIS BARBOSA, não é um fenómeno mencionado por Gonçalves Viana em 1883³³.

Observa-se também em português um caso notório de flutuação de fonemas consonânticos. Referimo-nos à flutuação dos fonemas /s/ /ʃ/ e do grupo /ks/, em posição intervocálica, em palavras ortografadas com *x*, como *tóxico, sintaxe, léxico, Maximina, maximizar, reflexão, reflexivo*. A par destas, há palavras onde se não verifica a flutuação dos referidos fonemas. Apresentam o fonema /ʃ/ palavras como *xadrez, roxo, luxo, esdríxula, laxante, relaxar, .* O fonema /z/ é o único admitido em *exame, exemplo*. O grupo /ks/ tem uso generalizado em palavras como *sexo, nexa, fixo, fluxo, conexo, convexo, circunflexo, ortodoxo, paradoxo, complexo, crucifixo, axioma*. O fonema /s/ é actualmente o único atestado em palavras como *aproximar, auxiliar, auxílio, máxima, próximo*. O valor do grafema *x* parece ter variado bastante, a avaliar pelos testemunhos dos ortografistas no que concerne aos três últimos séculos. Por exemplo, a pronúncia [ks], noticiada por D. Luís Caetano de LIMA em 1736, é ainda recusada por BARBOSA LEÃO, um século e meio depois³⁴. Hoje regista-se /ks/ como uso concorrencial de /ʃ/.

³² MORAIS BARBOSA assinala este caso de flutuação ao escrever: "Certains idiolectes distinguent toujours entre /e/ et /i/ dans cette double position, un mot comme *encarnado* "rouge" restant distinct de *incarnado* "incarné"... D'autres idiolectes ne distinguent pas, au contraire, entre /e/ et /i/ devant /N/ ou /R/... D'autres idiolectes enfin semblent représenter un compromis entre les deux types précédents. On a observé que certains locuteurs prononcent l'initiale d'une forme comme *entrar* tantôt comme [s] tantôt comme [i]... *Études*, p. 137

³³ Idem, *ibidem*.

³⁴ Veja-se MORAIS BARBOSA, *Notas*, p. 364. Poder-se-á fazer um interessante estudo diacrónico desta flutuação consonântica a partir dos materiais já compilados por MORAIS BARBOSA em *Notas*.

não só em posição intervocálica como em *táxico*, mas também em posição final como em *Félix*, *Fênix*, *ónix*, *córtex*. Segundo MORAIS BARBOSA, a pronúncia [ks] substitui hoje progressivamente [s] e [š] e é determinada pela grafia³⁵.

Conclusão

No pouco que dissermos, temos consciência de apenas ter aflorado o estudo das flutuações de fonemas em português. Um estudo exaustivo e abrangente dos fenómenos de flutuação será indispensável em qualquer análise linguística que pretenda dar conta da dinâmica do objecto em estudo.

Queremos ainda sublinhar que concebemos o estudo da flutuação de fonemas no âmbito da morfologia, dado que a flutuação afecta os fonemas enquanto componentes de um determinado significante e não todas as ocorrências desses fonemas independentemente da unidade de primeira articulação em que ocorrem. As flutuações são variações livres, ou seja, variações que não são condicionadas nem pelo contexto nem por usos particulares. Christos CLAIRIS designa por *tropologia* ou *morfologia livre*, o domínio que se ocupará das variações possíveis e não obrigatórias. Este mesmo linguísta elaborou uma tipologia das flutuações³⁶. Num próximo trabalho tentaremos aplicar ao português essa mesma tipologia, dando conta dos diferentes tipos de flutuações.

Terminamos dizendo que as flutuações se encontram em todas as línguas e que o seu estudo abre caminho a novas perspectivas sobre a evolução e a dinâmica das línguas.

³⁵ *Ibidem*, p. 367

³⁶ C. CLAIRIS, "Identification et typologie des fluctuations" *RSJ*, Paris, LXXXVI (1991), p. 19-35

BIBLIOGRAFIA

ALLIERES, Jacques, "Polymorphisme en gascon", *Actes du VIIIe Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Toulouse 6-11 juillet 1981, Cahiers du Centre Interdisciplinaire des Sciences du Langage*, 4, Toulouse, 1982, p. 123-125.

CLAIRIS, Christos, "Première approche du qawasqar. Identification et phonologie", *La linguistique*, 13, 1, Paris, PUF, 1977, p. 145-152.

---, "Identification des fluctuations", *Actes du VIIIe Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Toulouse 6-11 juillet 1981, Cahiers du Centre Interdisciplinaire des Sciences du Langage*, 4, Toulouse, 1982, p. 111-113.

---, "De la morphologie", *La linguistique*, 21, Paris, PUF, 1985, p. 177-183.

---, "Dynamique de la disparition", *Actes du XIVe Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Elseneur - Danemark 29 juin - 4 juillet 1987, Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain*, 14.1-2, Louvain-la-Neuve, 1988, p. 99-101.

---, "Identification et typologie des fluctuations", *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, LXXXVI, 1, 1991, p. 19-35.

---, "Phonostylistique et tropologie", *Actes du XVIIIe Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Prague - Tchécoslovaquie 12-17 juillet 1991, Prague, 1992, p. 86-89.*

KEY, Mary Ritchie, "Phoneme fluctuation and minimal pairs in language change", in MAHMOUDIAN, Mortéza (ed), *Linguistique fonctionnelle - Débats et perspectives*, Paris, PUF, 1979, p. 305-310.

MARÇALO, Maria João, "La morphophonologie - naissance et mort d'un concept", *Actes du XVIIIe Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Prague - Tchécoslovaquie 12-17 juillet 1991, Prague, 1992, p. 57-60.*

---, "O Círculo Linguístico de Praga e a concepção de fonema", *Actas VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística Lisboa 7-8 Outubro 1991, Lisboa, Colibri, 1992, p. 202-210.*

---, *Introdução à Linguística Funcional*, Lisboa, Ministério da Educação - Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992, 152p.

MARTIN, Pierre, "Fluctuations et flottements vocaliques en franco-canadien", *Actes du XIVe Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Elseneur - Danemark 29 juin - 4 juillet 1987, Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain*, 14.1-2, Louvain-la-Neuve, 1988, p.223-228.

MARTINET, André, *Economie des changements phonétiques*, Berne, Francke Verlag, 1955, 396 p.

----, *La description phonologique, avec application au parler franco provençal d'Hauteville (Savoie)*, Paris, Minard, 1956, 108 p.

----, *La linguistique synchronique*, Paris, PUF, 1965, 246 p.

----, *Syntaxe générale*, Paris, Armand Colin, 1985, 266 p.

----, *Fonction et dynamique des langues*, Paris, Armand Colin, 1989, 208 p.

----, "La synchronie dynamique", *La linguistique*, 26, 2, Paris, PUF, 1990, p. 13-23.

MORAIS BARBOSA, Jorge, *Études de phonologie portugaise*, Évora, Universidade de Évora, 2 ed., 1983, 245 p.

----, "Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos", *Biblos*, v. I.XIV, Coimbra, 1988, p. 329-382.

----, *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Coimbra, Almedina, 1994, 295 p.

----, "Les «vibrantes» portugaises et la dynamique linguistique", *La linguistique*, 30, 1, Paris, PUF, 1994, p. 37-43.

TROUBETZKOY, Nicolas, *Principes de Phonologie*, Paris, Klincksieck, 1957, XXXIV + 396 p.

WALTER, Henriette, *La dynamique des phonèmes dans le lexique français contemporain*, Paris, France-Expansion, 1976, 481 p.

----, "Entre la phonologie et la morphologie. Variantes libres et fluctuations", *Folia Linguistica*, XVIII, 1-2, Mouton, 1984, p. 65-72.

----, "Les changements phonétiques «vrais» et les autres. Les fluctuations sont-elles inévitables ?", *Actes du XIIIe Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, Corfou 24-29 août 1986*, Athènes, Université Ionienne, 1988, p.49-51

----, "Dynamique et diversité des usages en phonologie", *Folia Linguistica*, XXIII, 3-4, Mouton, 1989, p. 281-291.

----, "Les fluctuations mettent-elles en danger une opposition phonologique ?", *La linguistique*, 28, 1, Paris, PUF, 1993, p. 59-68.

----, "Dynamique phonologique : phonèmes récessifs et unités significatives", *La linguistique*, 28, 2, Paris, PUF, 1993, p. 35- 47.